



Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019 - 2023

Documento da CNBB **109**

Apresentação:
Dom Aloísio Alberto Dilli
Bispo da Diocese de Santa Cruz do Sul



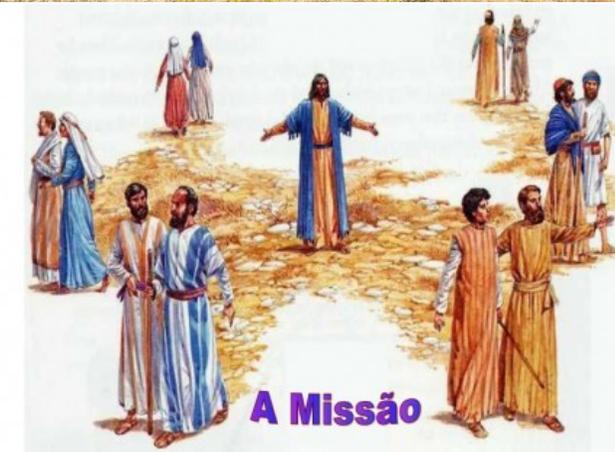
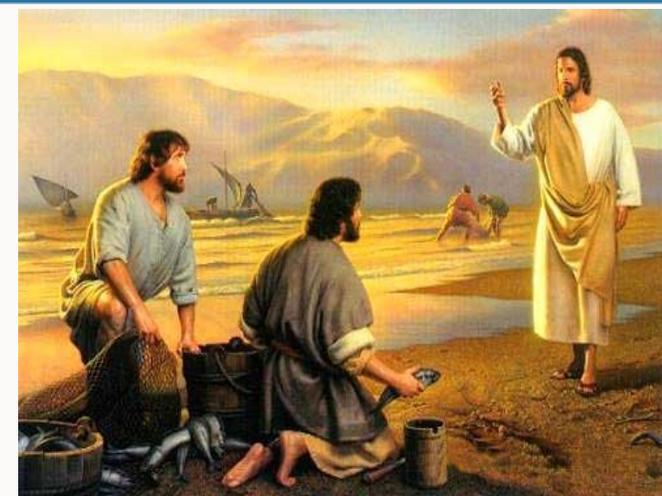
CNBB

APRESENTAÇÃO

“Chamou os que ele mesmo quis...”

Para estarem com ele...

E para enviá-los a anunciar...”
(Mc 3, 13-15)



É nossa vocação anunciar a Palavra como missionários para promover a paz, superar a violência, construir pontes em lugar de muros, oferecer a misericórdia de Jesus e reacender a luz da esperança para vencer o desânimo e as indiferenças;

O mundo espera de nós o testemunho da fraternidade e da solidariedade pela evangélica opção preferencial pelos pobres, contribuindo na construção da sociedade sobre os valores do Evangelho;

A Igreja se volta ao seu Senhor para compreender a realidade e discernir caminhos (Diretrizes Gerais); Ele se faz presente, caminha conosco;



4

Imagem da casa - Comunidades eclesiais missionárias: permitem ingresso (acolhimento) e saída (envio);

Dois eixos das Diretrizes: Comunidade e Missão;

Comunidades que não geram missionários são tristes expressões de esterilidade; missionários que não se fundamentam na vida em comunidade correm o risco de se tornar andarilhos solitários, sem referências existenciais para sua atuação.

OBJETIVO GERAL

EVANGELIZAR

**no Brasil cada vez mais urbano,
pelo anúncio da Palavra de Deus,
formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo,
em *comunidades eclesiais missionárias*,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
cuidando da Casa Comum e
testemunhando o Reino de Deus
rumo à plenitude.**

INTRODUÇÃO

1. **Jesus Cristo** é o enviado do Pai para anunciar o Reino de Deus; Confirmados pelo Espírito, **os apóstolos** começaram a anunciar; Essa responsabilidade missionária chega a **nós hoje**.
2. As **DGAE** constituem uma das expressões mais significativas da **colegialidade da Igreja no Brasil**.
3. DGAE 2011-2015: DAp – Cinco Urgências;
DGAE 2015-2019: DAp – Cinco urgências + **Papa Francisco**.
4. DGAE 2019-2023: Estruturadas a partir da **Comunidade Eclesial Missionária**, apresentada com a imagem da *‘casa’*.

57 Assembleia a Geral

1 a 10 de maio de 2019
Aparecida/SP



‘Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos’



5. **CASA:** Criar lar, família - casas de comunhão: É **criar laços** de que constroem com gestos simples, diários e que todos podemos realizar.

6. **Proximidade relacional** entre as pessoas. Necessidade da Igreja se fazer presente nos locais onde as pessoas vivem.

7. Essa casa é a **comunidade eclesial missionária**: Portas abertas que acolhem e **portas abertas** para sair em missão. Comunidade e missão são como dois lados da mesma moeda: **A comunidade eclesial autêntica é, necessariamente, missionária e toda missão se alicerça na vida de comunidade.**



A alegria do Evangelho para uma Igreja em saída

Juntos na missão permanente

8. A comunidade eclesial missionária é sustentada por quatro pilares: Palavra – Pão – Caridade - Ação Missionária.

Relação com as Urgências das DGAE anteriores:

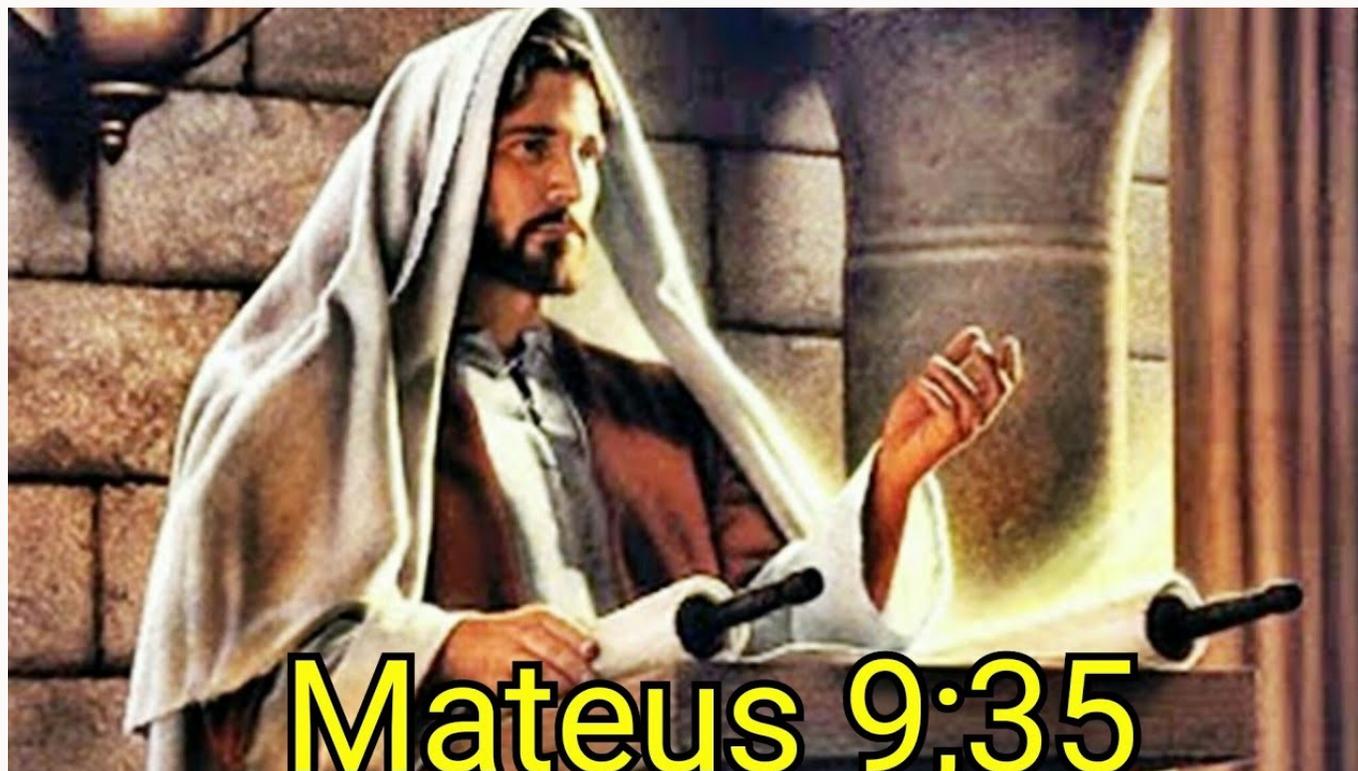
- ***PALAVRA** – Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica;
- ***PÃO** – Liturgia e espiritualidade;
- ***CARIDADE** – Serviço à vida plena;
- ***AÇÃO MISSIONÁRIA** – Estado permanente de missão.

9. Trata-se de pôr a **missão de Jesus no coração da Igreja.**

CAPÍTULO I

O ANÚNCIO DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO

“Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas e proclamando o evangelho do Reino” (Mt 9, 35)



Mateus 9:35

10. A mentalidade do mundo urbano atual está presente na cidade e no campo: **é lugar da presença de Deus**, aberto à vivência do Evangelho dentro das culturas.

11. **Anúncio e testemunho da Igreja**: o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus.

1.1 Fidelidade a Jesus Cristo, Missionário do Pai

12. O encontro com Jesus Cristo provoca **conversão** de vida que leva ao **discipulado**, gera **comunidade** e impele a sair em **missão**.



13. O centro de sua vida e pregação é o **Reino de Deus - dom** ao qual podemos abrir-nos para o ingresso de Deus: da verdade, do amor e do bem, como fizeram os santos.

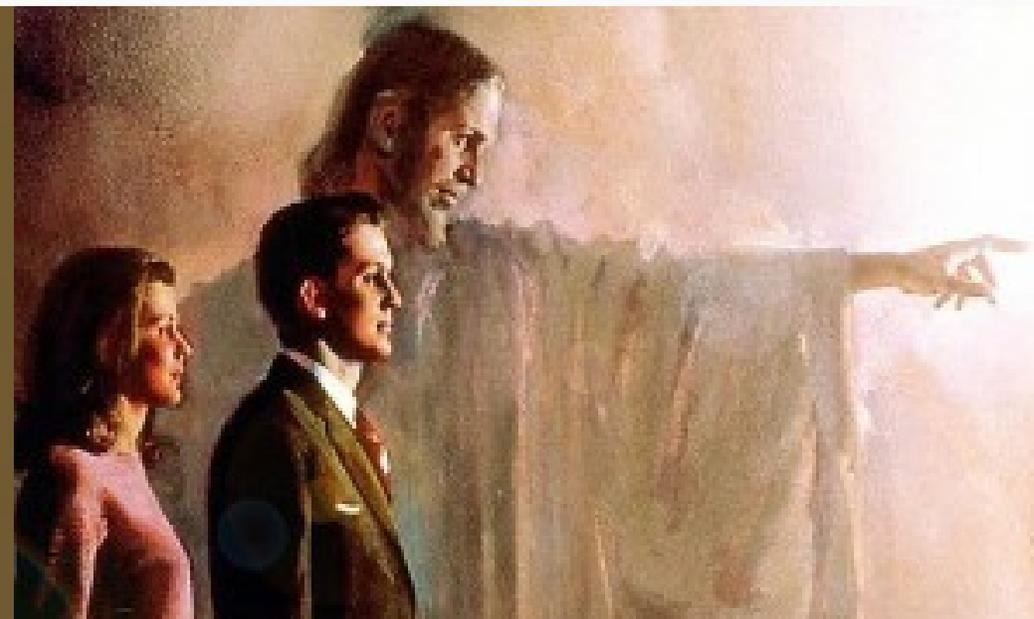
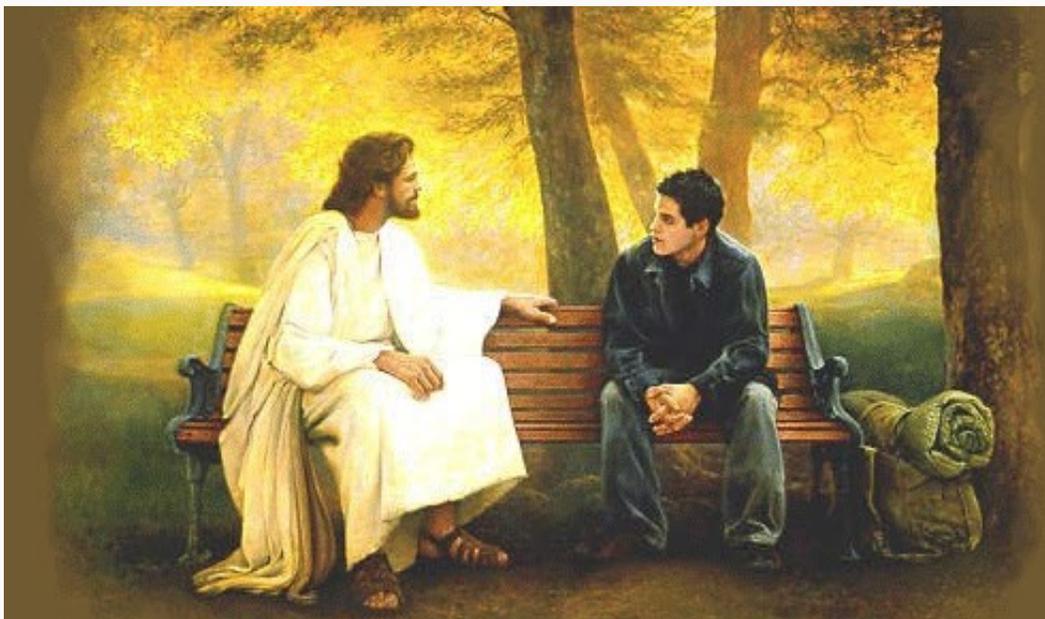
14. O discípulo acolhe o Reino pela fé. O primado, **a iniciativa é de Deus**. A missão da Igreja é construir com Cristo este Reino de amor, de justiça e de paz para todos.

15-16. O contrário pode levar ao *gnosticismo* (capacidades intelectuais) e ao *pelagianismo* (força de vontade e autossuficiência): não somos justificados pelas nossas obras ou esforços, mas pela graça do Senhor.

17-18. A experiência desse amor gratuito **gera fraternidade** - comunidades de fé e partilha de vida, em estado permanente de **missão** (oferecer misericórdia).

1.2 Igreja: Comunidade de discípulos missionários de Jesus Cristo

19-20. Centro da **missão da Igreja**: anunciar o amor de Deus e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na nova vida de comunhão com Ele. Esta é a fonte da missão evangelizadora. Por seu testemunho e suas obras a Igreja manifesta ao mundo a razão de sua esperança (cf. 1Pd 3, 15).



1.3 Missão: anúncio que se traduz em palavras e gestos

21-22. Jesus não confiou uma tarefa aos seguidores, mas **uma identidade**. A missão tem origem divina, realizada por Cristo e continuada pelo Espírito Santo, como protagonista (sujeito) e alma da Igreja evangelizadora.



23. A **missão parte do encontro com Cristo e a Ele conduz**. Não se realiza por proselitismo, mas por **atração**.

24. A **vivência cotidiana do amor fraterno** em comunidade constitui uma **forma privilegiada de testemunho cristão**... A vida fraterna em pequenas comunidades – abertas, acolhedoras, misericordiosas, de intensa vida evangélica – constitui fundamento sólido para o testemunho de fé.

25-26. Os gestos de amor e solidariedade são **critérios para a credibilidade de nossa fé**. São parte constitutiva irrenunciável de sua essência. A misericórdia é palavra-chave para o agir de Deus conosco. Jesus é o *“rosto da misericórdia do Pai”*.

1.4 Cultura urbana: desafio à missão

27. **Luzes:** emancipação do sujeito, pluralidade, novas tecnologias...

Sombras: globalização, secularismo, relativismo, liquidez, indiferentismo...

28-29. Desafio da **cultura urbana**, com seu estilo de vida e mentalidade. A **influência das instituições e a tradição** sobre os indivíduos **diminui** sempre mais. As pessoas são continuamente chamadas a fazer **novas escolhas**.

30. O discípulo missionário se defronta com **formas de sofrimento** que o interpelam: pobreza, desemprego, trabalho e habitação precários, devastação ambiental, violência, solidão...



CNBB



31. Evangelização da **cultura urbana**: pregar o Evangelho não tanto a espaços geográficos, mas **evangelizar os critérios de julgar**, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade...

32. Neste mundo urbano em constante transformação e recriação coabitam angústias, conflitos, mas também solidariedade, fraternidade, desejo do bem, de verdade e de justiça. **É preciso perceber Deus presente no seu meio.**

1.5 Comunidades eclesiais missionárias no contexto urbano.

33-35. A **conversão pastoral** é hoje irrenunciável e implica em formação de **pequenas comunidades eclesiais missionárias**, nos mais variados ambientes, como casas da Palavra, do Pão, da caridade e abertas à ação missionária na sociedade. Elas oferecem **ambiente humano de proximidade e confiança** que favorece partilha de experiências, ajuda mútua e o processo de inserção nos diversos ambientes.

Mesmo sem tantos contatos com as Igrejas institucionais é fundamental que as pequenas comunidades estejam em **comunhão com a Igreja particular**.

36-40. As pequenas comunidades eclesiais missionárias são sinal concreto de **conversão pastoral**. Ali os **leigos e leigas** podem viver sua vocação, em comunhão e solidariedade; têm ocasião de se envolver no processo de **Iniciação à Vida Cristã** e participar de formação sólida, integral e permanente. **Sinodalidade** significa comprometimento e participação de **todo Povo de Deus na vida e missão da Igreja**.



CAPÍTULO II

OLHAR DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

“Ao ver as multidões Jesus encheu-se de compaixão” (Mt 9, 36).

2.1 Contemplar para sair em missão em um mundo que se transforma



41-42. A Igreja, sacramento universal de salvação, como discípula missionária (servidora), anuncia sempre **o mesmo Evangelho**: acolher, contemplar, discernir e iluminar com a Palavra de Deus os **complexos elementos culturais, sociais, políticos e éticos** que constituem a realidade, com suas luzes e sombras.

43-45: Ocupar-se com as compreensões mais profundas a respeito da vida, de Deus, do ser humano, da família e de toda a realidade, a fim de **interagir com ela em vista do crescimento do Reino de Deus**. As grandes cidades refletem com mais rapidez o que acontece em todo mundo.

2.2 Uma cidade onde Deus habita

46-48. Reconhecer a presença de Deus em cada contexto histórico, inclusive no mundo atual, cada vez mais urbano: **Deus vive na cidade**, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como nas suas dores e sofrimentos. Cabe à Igreja contemplar esta realidade e **distinguir o que o Espírito está dizendo e fazendo**, identificando as sombras que negam o Reino de Deus.

2.3 A vida na grande cidade mundial

49. O mundo da grande cidade é local da *individualidade*: de um lado a pessoa possui uma dignidade irrenunciável e insubstituível; por outro, há o enfraquecimento do convívio, da comunhão: *individualismo*. O outro tem valor se é útil.



RELACIONAMENTO

“Individualismo é destruidor”

Para a escritora Suely Buriasco, só a individualidade é saudável. Também há risco de exagero por parte dos homens

“Ninguém fica satisfeito deixando de ser quem é ou de agir de acordo com seus gostos e valores. No entanto, é preciso distinguir individualidade de individualismo. O primeiro é saudável, enquanto o segundo é destruidor em um casamento”. O alerta é da mediadora de conflitos Suely Buriasco, autora do livro “Mediando Conflitos no Relacionamento a Dois”.

Ela afirma que os hábitos de sol-

teiro passam a ser prejudiciais quando a pessoa não considera a vida em comum e não tenta entrar em um consenso com o outro. É exatamente aí, segundo Suely Buriasco, que o individualismo impera. “Desde que os hábitos não interfiram negativamente na vida do casal, não há razão para abandoná-los”, ensina.

De acordo com a mediadora, o que vai definir o grau de satisfação do relacionamento é o diálogo. “A boa comunicação é o tônus da relação. Sair com os amigos, desde que respeitando acordos e levando em consideração que já não se é solteiro (a), pode ser muito saudável para o casamento”, indica.

O psicólogo, terapeuta de casais e escritor Luiz Alberto Hanns pondera que existe o risco de exagero por parte dos homens, que

tendem a manter um ritmo de vida de solteiros que não cabe no casamento.

“Havendo divergências, é fundamental conversar, escutar as necessidades de cada um e definir como atender a ambos. Mesmo assim, às vezes, é preciso manifestar uma posição e dar limite ao parceiro. Não é fácil fazer isso com firmeza, de forma clara, sem ofender e brigar. É o que chamamos de assertividade”, destaca Hanns.

E o que ele tem a dizer sobre a necessidade de algumas pessoas em comunicar ao outro, ou até mesmo pedir autorização para mudar o visual ou fazer um corte de cabelo mais ousado?

“É uma questão pessoal, não há o certo ou o errado. A verdade é que, de forma geral, quando vivemos juntos, qualquer aspecto de

nossa vida afeta o parceiro, independente de serem mudanças na aparência ou no ritmo de vida. Por isso digo que, para existir uma boa parceria, o casal deve conversar sobre o que agrada e desagrada, tipo de roupas, cortes de cabelo e até mesmo sobre o peso. Afinal, viver com alguém que passa a ter uma aparência que você ache esquisita ou desagradável não é bom”.

Em todo esse cenário, seriam as mulheres mais dependentes da aprovação dos companheiros? “Em geral, mulheres escutam mais e se preocupam mais com a opinião e com as necessidades dos outros, sejam maridos, filhos, parentes ou amigos. Na relação a dois, elas também tendem a ser mais suscetíveis a elogios e críticas”.



SUELY defende “boa comunicação”

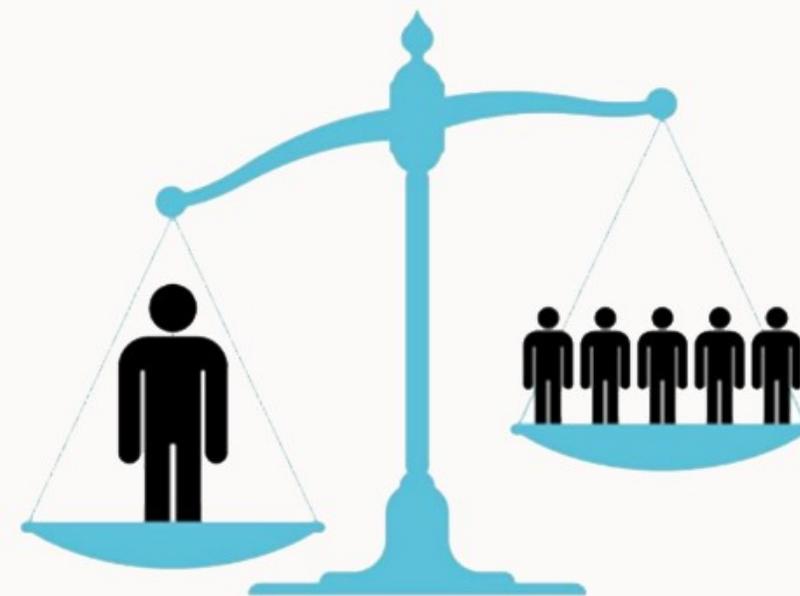
“É preciso distinguir individualidade de individualismo. O primeiro é saudável, enquanto o segundo é destruidor”

50 e 53. Relação do Estado e do Mercado: a **redução da função social do Estado** lesa a dignidade das pessoas e enfraquece o exercício dos direitos humanos; o mercado impõe seus objetivos sobre os valores sociais, inclusive sobre as **instituições e tradições**: família e comunidade.

51. **Consumismo**: “*doença muito séria*” (Papa Francisco). **Tudo tende a ser consumido, esgotado e substituído**. Avalia-se as pessoas pela **participação no mercado**, como efetivas produtoras e consumidoras.

52. **Individualização consumista da vida**: gera violência, narcotráfico, legalização da morte do outro (aborto). **Individualismo e violência andam juntos**.

54. **Pluralidade**: modo diferente de compreender e avaliar a realidade. É **positiva se admite exercer o dom da liberdade**. Quando a possibilidade de escolha é assumida pelo **individualismo consumista**, não considerando os outros e o planeta, as consequências são catastróficas.



55-56. Este fenômeno pode também minar o campo religioso. Positiva é a possibilidade de **escolha livre e consciente** e o cultivo do diálogo ecumênico e inter-religioso. Preocupam **posições fundamentalistas** em relação à Palavra de Deus e oportunismos que apelam à prosperidade financeira no mundo religioso e à **violência**.

57. Cidades são locais de **alta mobilidade**: oportuniza-se facilidade de locomoção, mas ela pode também ser forçada por interesses imobiliários ou outros.

58. A cidade apresenta realidades de **pobreza**, revelando enormes desigualdades sociais e que esperam **solidariedade** dos cristãos.

59-61. **Crise do sentido da vida e do meio ambiente:** a vida é agredida desde a fecundação até a morte natural; crise que gera desesperança, esgotamento, depressão, suicídio. A “*mãe e irmã terra*”, “*nossa casa comum*”, geme e clama por outro rumo. É urgente repensar a exploração da natureza e a mineração. Estamos criando **histórica dívida ecológica**.



62. *Jovens*: sentem na pele “*a confusão e o atordoamento*” em meio à **competição desordenada e violenta**; são os que mais sentem a fragilidade de referências e da precariedade de critérios.





63. A *Verdade*: é relativizada e individualizada. Pessoas e grupos ficam **sem referências objetivas**, reféns do mercado oportunista. **Valores** como a honestidade, integridade e abnegação correm o risco de serem absorvidos pela mentalidade de só pensar em si. **O trabalho** pode acabar sendo visto somente como meio de conseguir renda, sem ética, função social e até mesmo de realização pessoal.

64. Vivemos um **sistema social e econômico injusto** na sua raiz, que gera exclusão e desigualdades, atingindo a dignidade humana dos que são considerados excluídos e explorados e até supérfluos e descartáveis.

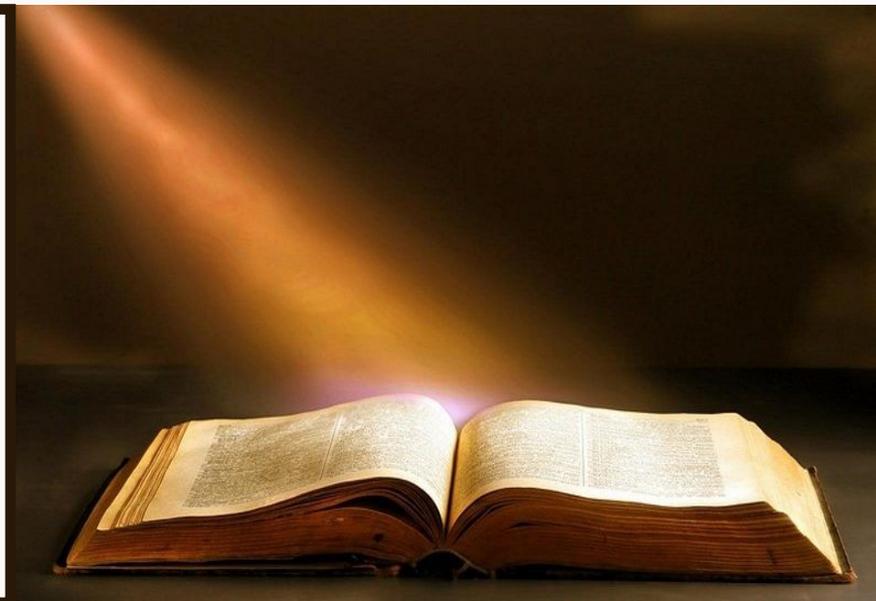
65-66. Faz-se necessária a **redescoberta dos caminhos de uma autêntica democracia** com justiça social, através da participação, das garantias institucionais, do bem comum, da liberdade de expressão e do respeito às diferenças, do diálogo, da preocupação pelos mais frágeis e no respeito à liberdade e dos valores inerentes a todo ser humano. É preciso dar as mãos também aos irmãos de outras igrejas e a todos os homens e mulheres de boa vontade.

2.4 O Senhor está no meio de nós!

67-68. Nossa fé reconhece o **Senhor presente e atuante** em meio a esta complexa realidade. Nossas forças de *resistência e resiliência* apontam para atitudes culturais de resistência que valorizam mais as pessoas que o consumo; a obediência a Deus que as tendências e modismos do presente (At 5, 29).

69-71. **Novo estilo de evangelizar:** Documentos da CNBB impulsionaram para evangelizar nas Igrejas particulares sobretudo pelas **urgências** indicadas e pelo processo catecumenal da **Iniciação à Vida Cristã**. A conversão pastoral está fazendo abandonar as estruturas ultrapassadas da transmissão da fé (pastoral de conservação). A Igreja do Brasil precisa investir ainda mais na **missionariedade**.

72. ***“Deus habita esta cidade”***: Nossa fé afirma que ***“o Senhor está no meio de nós”*** (Mt 28, 20; Dt 31, 6). Pela força do Espírito o Reino anunciado por Jesus se faz presente. Não podemos ficar tranquilos em nossos templos; é urgente ir em todas as direções para proclamar que o amor é mais forte (cf. DAp 548).



CAPÍTULO III

A IGREJA NAS CASAS

“Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2, 42).



3.1 A Casa da Comunidade

73-74. A **casa foi um dos lugares privilegiados** para o encontro do diálogo de Jesus e seus seguidores (Mc 1, 29; 2, 15; 3, 20; 5, 38; 7, 24). Seu estilo de **vida era itinerante**.

75-76. Os discípulos se reuniam comunitariamente em casas particulares. O pequeno grupo escutava a **Palavra** e respondia pela vivência da **comunhão** e da **missão**. Criava-se **novo relacionamento** entre as pessoas (cf. At 4, 34-35).

77. A reunião acolhia gente pobre e de maior condição econômica; caracterizava-se pela **solidariedade**. Um exemplo dessas casas é a de Priscila e Áquila (1Cor 16, 19).

79. As casas não eram isoladas, mas favoreciam o **testemunho da atração** (1Cor 14, 23; 1Ts 4, 12).

Carta a Diogneto (Autor desconhecido do séc. II):

“Os cristãos não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver... Adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunhavam um modo de vida admirável... Vivem em sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira”.

80-81. A casa proporcionou um cristianismo (seguimento de Cristo) de pequenas comunidades, em que as pessoas se conheciam e compartilhavam a mesa. **Seu testemunho de comunhão dava credibilidade.** Sua fidelidade se exprimia na obediência ao ensinamento dos apóstolos, na liturgia celebrada, no serviço da caridade, no testemunho de fé e esperança no Reino anunciado por Jesus.



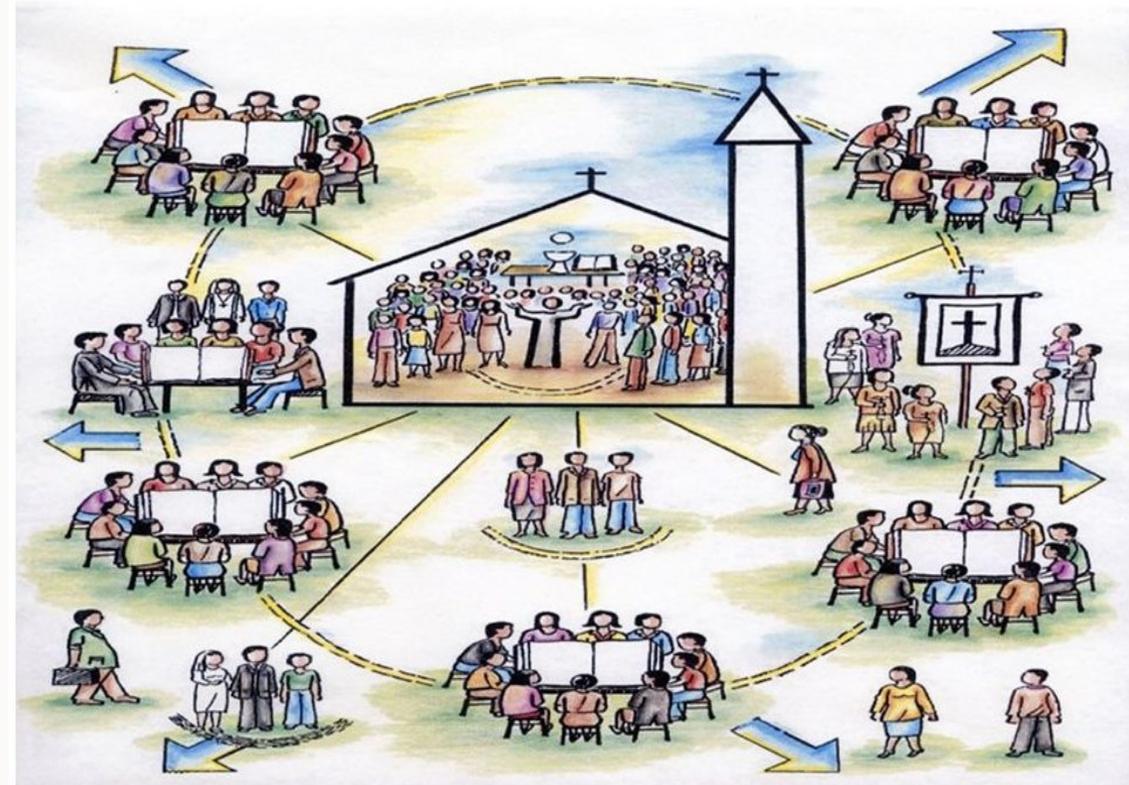
3.2 Comunidade de comunidades

82. O contexto urbano volta seu olhar para as **pequenas comunidades eclesiais**, ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, viver a fraternidade, animar a oração, aprofundar o processo de formação continuada da fé e o compromisso do apostolado na sociedade.

83-85. Elas são **casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Missão**. Lugar da Iniciação à Vida Cristã, do compromisso com os pobres, da abertura aos jovens; ao anúncio do Evangelho da família e do cuidado da Casa comum. As pequenas comunidades eclesiais missionárias **são verdadeira rede, em comunhão com a Igreja local**. A celebração eucarística privilegia a comunhão com a Igreja local.

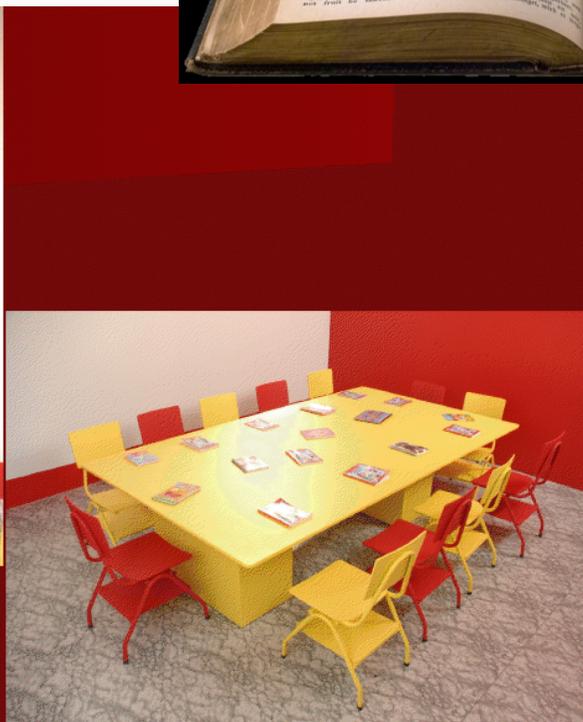
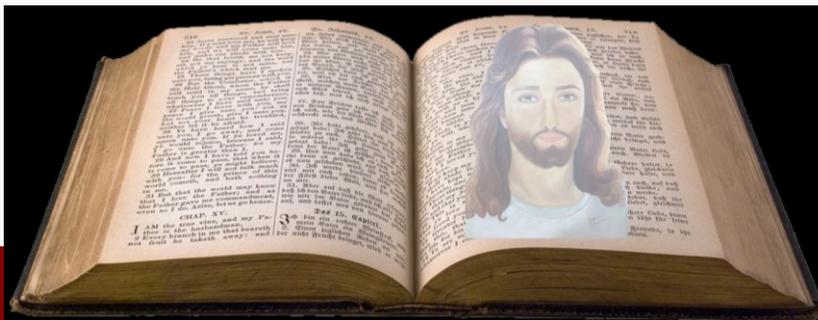
86-87. A coordenação destas comunidades eclesiais caberá a **cristãos “colaboradores” leigos e leigas** (Rm 16, 3-5), principalmente de **mulheres**. O **ministro ordenado** estará em **movimento** para visitar e para ser cuidador e animador, promovendo a **unidade e comunhão** entre os diversos grupos, associações, movimentos e serviços.

Comunidade de comunidades



3.2.1 Pilar da Palavra – Iniciação da Vida Cristã e Animação Bíblica da Vida e da Pastoral

“Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos” (At 2, 42)



88-89. A comunidade cristã se concentrava nas casas, lugar de reunião, ajuda mútua e fortalecimento missionário. Esse processo supõe um **encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo**, proporcionado de **forma privilegiada pela celebração da Palavra de Deus** e Leitura Orante (VD 65). A partir do encontro com o Deus da Palavra e da experiência de vida fraterna, as pessoas são introduzidas no **processo da Iniciação à Vida Cristã**. Ela deve ser *“assumida com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais”* (DAp 294; Doc. CNBB 105, n. 69).

90-92. **A IVC e Palavra de Deus estão intimamente ligadas.** O itinerário da IVC é fundamentado na Palavra de Deus e na Liturgia; ele conduz à escuta da Palavra, à oração pessoal e ao compromisso comunitário e social. Leitura Orante (pessoal e comunitária): Não basta ler e estudar a Sagrada Escritura; **é preciso intimidade com Cristo pela oração.** O encontro com a Palavra muda a vida e lhe dá novo sentido, conformando o modo de ser, de pensar e agir ao de Jesus Cristo.



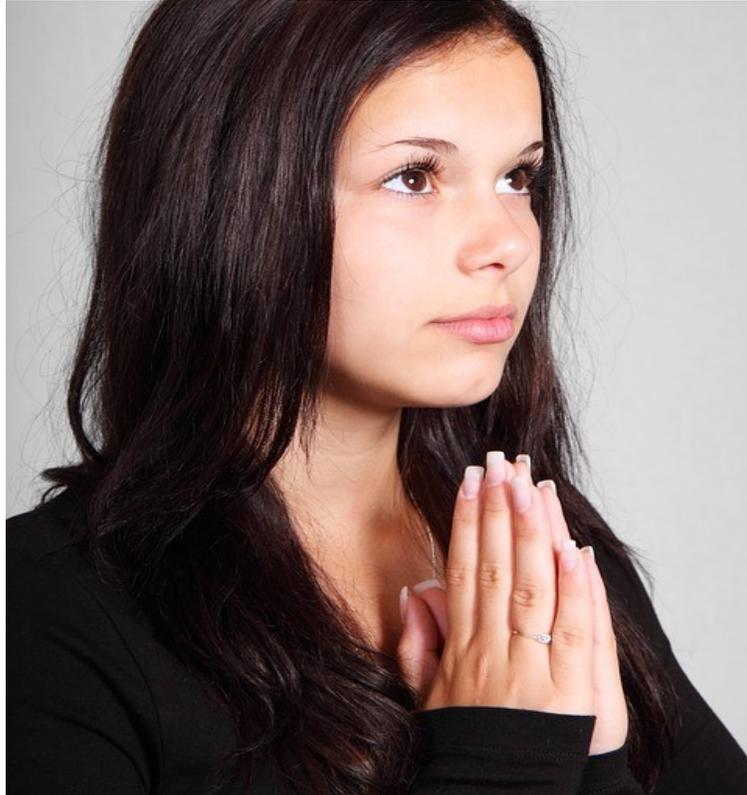
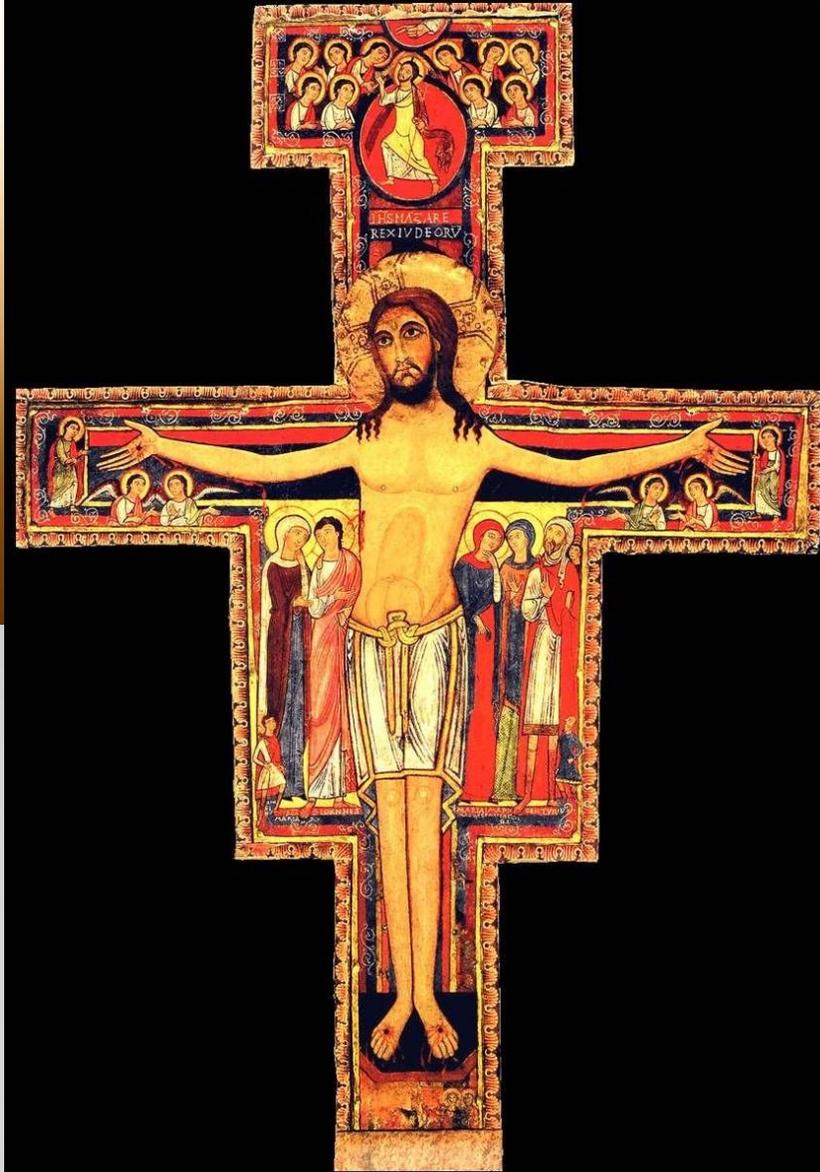
3.2.2 Pilar do Pão – Liturgia e Espiritualidade

“Eram perseverantes... Na fração do pão e nas orações (At 2, 42)”



93-94. Os primeiros cristãos expressavam **sua comunhão** sobretudo com a **Eucaristia**, celebração da **ceia pascal do Senhor**. Ela fortalece os discípulos missionários e os torna **testemunhas** do Evangelho do Reino.

95-96. A comunidade dos discípulos missionários é também sustentada pela **oração, enraizada na Palavra de Deus**. Por ela tomam consciência que são colaboradores de Deus na missão. A **oração é obra do Espírito** que age em nós e que impulsiona para a entrega nas mãos do Pai.



97-99. **O agir não substitui a oração:** é preciso superar a ideia de que o agir já é oração. Quando reduzimos tudo ao fazer, nos contentamos apenas com reuniões, planejamentos e eventos. Estes não substituem a oração; **devem decorrer dela e a ela conduzir** para não virarem tentação de ativismo, vaidade, ambição e desejo de poder. Funcionários do sagrado. O Senhor deseja uma Igreja servidora, samaritana, pobre com os pobres, **como testemunharam milhares de santos e santas.** Saíram de si mesmos para ir ao encontro dos outros.

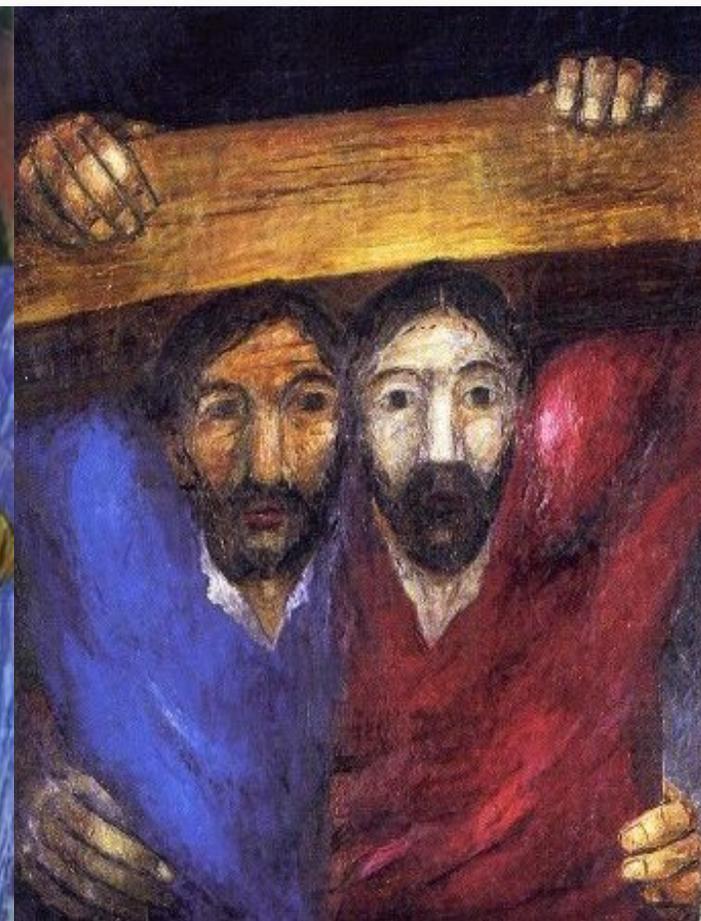
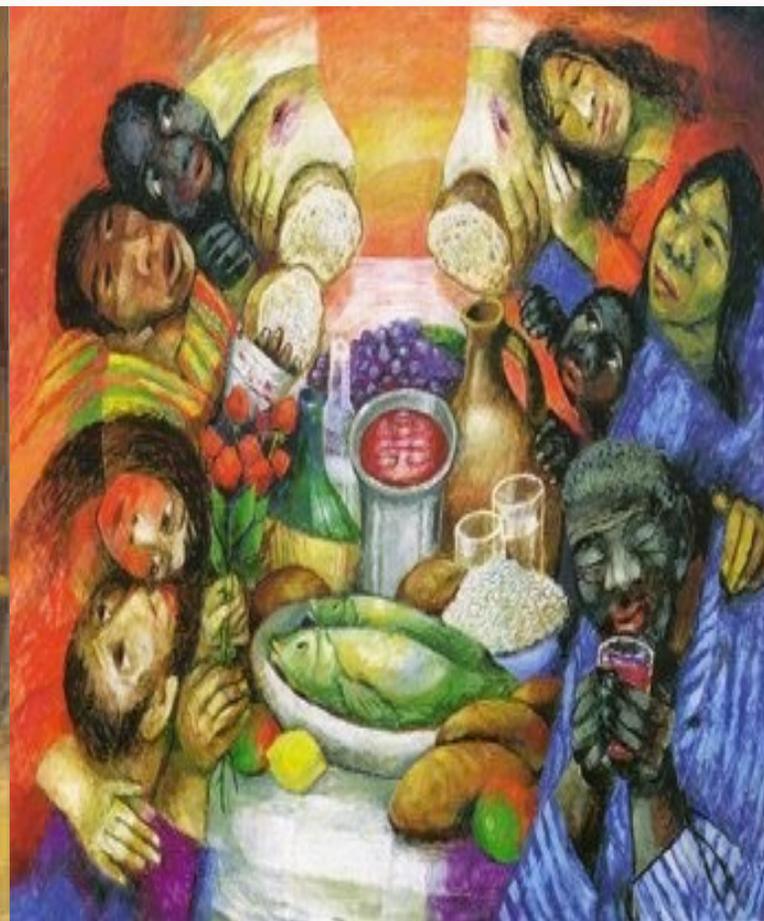
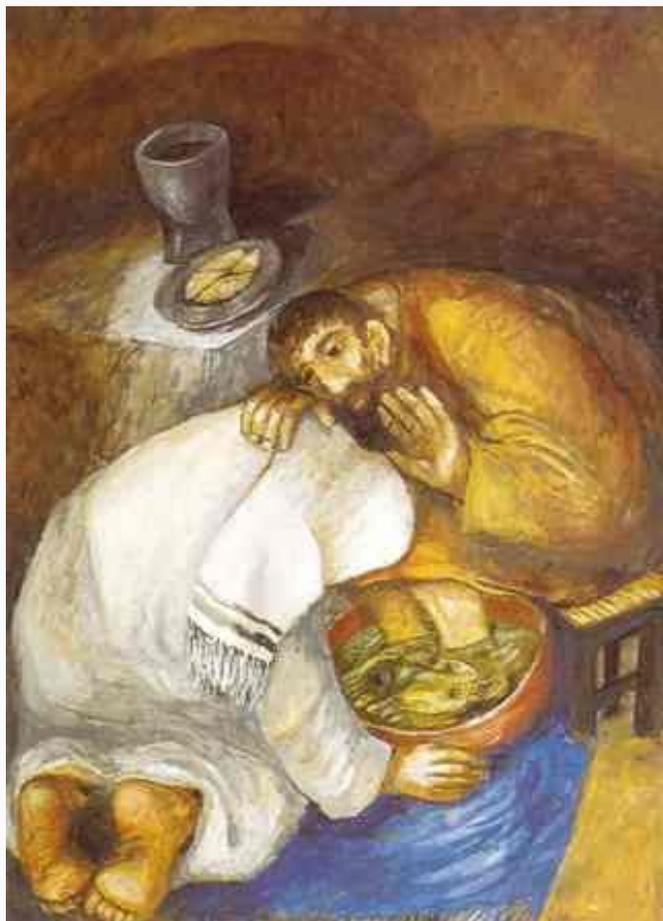
100. A **piedade popular** seja valorizada na pureza de suas expressões. Não seja instrumentalizada para intimismo, consumismo e imediatismo.

101. **A casa da comunhão celebra o perdão e a misericórdia: a Igreja não é comunidade de perfeitos. A experiência da misericórdia de Deus faz dos discípulos do Senhor embaixadores da misericórdia.**



3.2.3 Pilar da Caridade – Serviço à Vida plena

“Eram perseverantes na comunhão fraterna (At 2, 42)”



102-103. Amar a Deus e ao próximo: sem caridade a oração não é cristã. **Contemplando o mundo com os olhos de Deus** é possível perceber e acolher o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação. Oração eucarística: *“Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações...”*.

104-105. As **questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos** da cultura urbana têm que ser enfrentadas pelas nossas comunidades, **com postura de diálogo**, de serviço, de respeito, de justiça e do bem comum, de cuidado com o meio ambiente... Quem não sabe chorar, não é mãe. Anunciamos o Evangelho da paz, mas **não ignoramos os desafios da violência** decorrente das injustiças sociais.



106-107. O **trabalho humano** é a chave da questão social. A solidariedade com quem sofre desemprego ou trabalho precário faz parte da caridade. A caridade também se expressa na **atuação política dos cristãos**, tendo em vista o bem comum.

108-109. A **opção preferencial pelos pobres** está implícita na fé cristológica (cf. Bento XVI). **Todos os cristãos devem buscar uma vida simples**, austera, livre do consumismo e solidária, capaz da partilha de bens. É missão da comunidade cristã a promoção da **cultura da vida**, com enfrentamento dos desafios que a ela se impõe: violência, falta de moradia e vida digna, migrações, crianças e idosos explorados e abandonados, juventude sem perspectivas, crise familiar, educação, saúde...

110. Contemplar o **Cristo sofredor na pessoa do pobre** significa comprometer-se com todos os que sofrem. A **falta de sentido para a vida** é fonte de grande sofrimento. O vazio tende a colocar também os cristãos nesta crise de sentido que gera cansaço, depressão, pânico transtornos de personalidade e até o suicídio.

111-113. O fenômeno das **migrações**, as novas formas de **segregacionismo e racismo**, o descaso com os **povos indígenas, quilombolas e pescadores** preocupam e exigem respostas de solidariedade e de caridade.

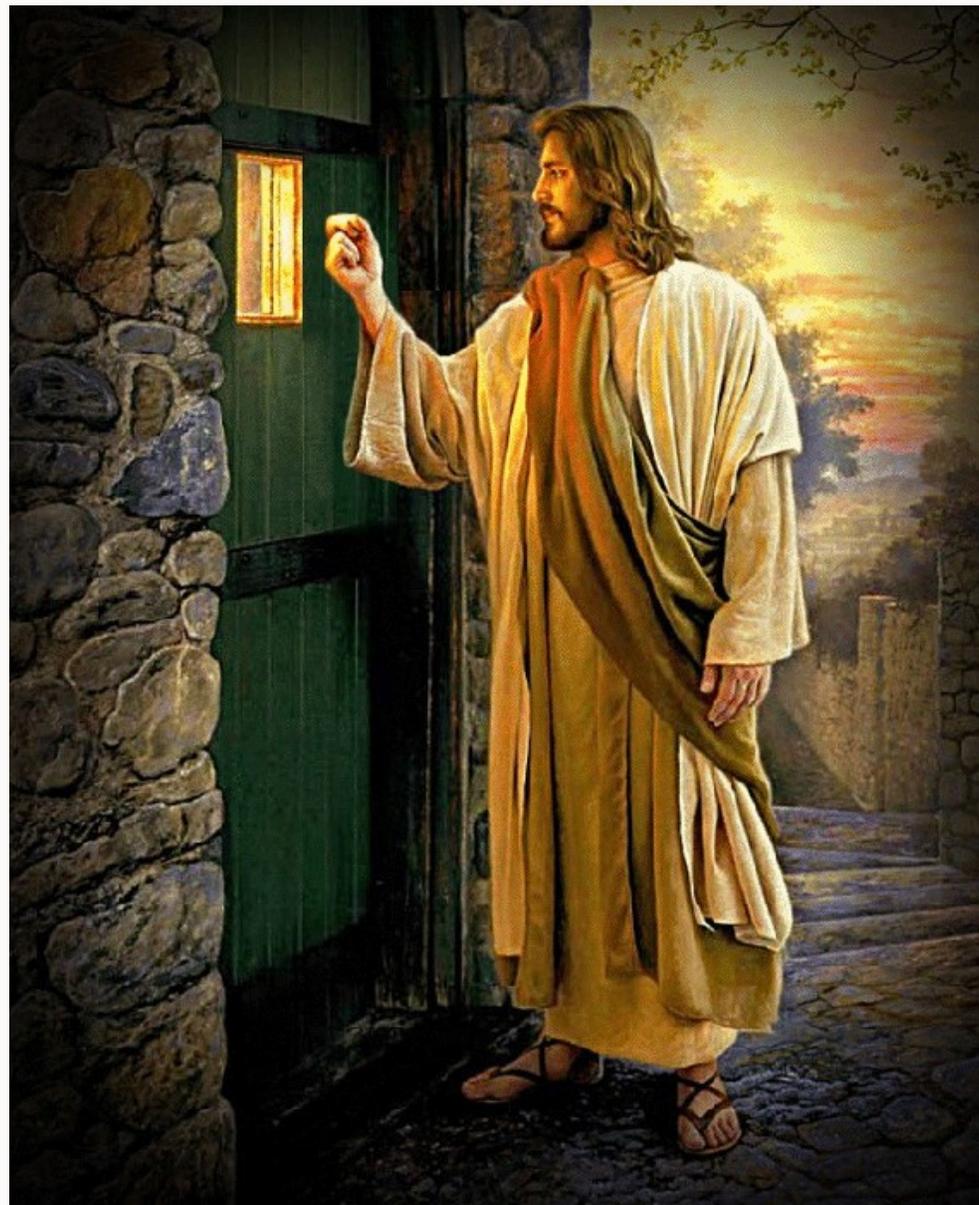
3.2.4 Pilar da Ação Missionária: Estado Permanente de Missão

“Passando adiante, anunciava o Evangelho a todas as cidades” (At 8, 40)





114. O mundo urbano é uma porta aberta para o anúncio do Evangelho. **Deus sempre visita a humanidade:** *“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo”* (Ap 3, 20). É preciso fazer a descoberta das **sementes do Verbo**, presentes nas várias culturas.



15-16. Essa **missão é intrínseca à fé cristã**. O *Querigma* não **pode ser pressuposto**, nem mesmo entre os membros da própria comunidade, pois uma profunda **crise de fé** atingiu muitas pessoas.

117-118. A comunidade expressa sua missionariedade ao assumir a garantia da **dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais**. Vai ao encontro dos novos areópagos, onde estão também as **redes sociais**. Elas não podem ocupar todo tempo e nem admitir *fake News* (falsas notícias). A comunicação precisa redescobrir a pessoa e a interação como diálogo e oportunidade de **encontro com o outro**.



119-120. A voz de Deus também se faz ouvir por meio dos **jovens**, um dos **lugares teológicos** onde o Senhor está presente. Eles esperam um **clima de diálogo** e precisam ser acolhidos, respeitados e acompanhados. Com eles a comunidade é constantemente renovada. Os jovens sempre deverão ser também os **missionários entre os próprios jovens**. Enfim, a Igreja é mãe de coração aberto para todos.



3.3 Rumor à Casa da Santíssima Trindade

121-123. A Igreja é peregrina e atua na sociedade como sacramento universal de salvação, com **rumo escatológico** para a casa do Pai. Suscita assim a **esperança que vence a morte**. O Reino de Deus germina em meio ao mundo tumultuado até o **triunfo do amor de Cristo sobre os mecanismos de morte**. Os cristãos são testemunhas de Cristo Ressuscitado num mundo carente de sentido e de ética.



CAPÍTULO IV A IGREJA EM MISSÃO

“Era grande a alegria na cidade” (At 8, 8)



124-128. É impossível pensar de maneira uniforme a ação evangelizadora da Igreja no Brasil. O modelo é o **estilo de vida cristã em comunidade dos primeiros cristãos** (At 2, 42; 8, 4). Pequenas ou grandes, na cidade ou no campo, a partir das paróquias ou de grupos reconhecidos, **as comunidades são e serão o ambiente de testemunho determinante para anunciar a Boa Nova** e acolher quem dela se aproxima. Com **planos curtos e adaptáveis** às rápidas transformações urbanas enfrentaremos as chagas do individualismo, subjetivismo e egoísmo constituindo comunidades cristãs maduras na fé. Esta é a meta das dioceses, paróquias, CEBs, comunidades novas, movimentos, associações, serviços e famílias.



A IGREJA NAS CASAS

129-131. A Igreja no Brasil assume o compromisso de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. Estas comunidades-casas serão espaços de encontro, de ternura e de solidariedade; serão lugar da família e têm suas portas abertas. Este será um **sinal profético** num mundo de individualismo, de comunicações virtualizadas, de violência... A imagem da casa não será significada pelo local de reunião, mas pelas **relações fraternas**.



comunidade**cristã**

4.1.1 Casa: Espaço do Encontro

132-133. Nossas comunidades precisam ser oásis de misericórdia, **casas de oração profunda**, de mergulho no sagrado. Lugares de encontro com Deus. Fica de lado toda burocratização. **O encontro com Deus se dá na celebração cheia de vida**, no silêncio que permite escuta, na harmonia que revela a beleza de Deus. O encontro com Deus é também intermediado pelo **encontro com o irmão**. O encontro com Deus e com os irmãos é **espaço de santificação** (GEx 145).

“NÃO DEVEMOS
TER MEDO
DA BONDAD E
TERNURA”

PAPA FRANCISCO

19/03/2013 . Missa de Abertura de Pontificado



134-137. Em nossas comunidades, a afetividade, a empatia, a **ternura com os irmãos** devem ser **nossa marca**: “*revolução da ternura*” (EG 88). É a linguagem da proximidade, do amor que **toca o coração e a vida e desperta esperança**. Por comungarmos do mesmo pão, na Eucaristia, na palavra e na vida, **somos irmãos** que caminham juntos e devemos afeto mútuo; superar a superficialidade de relações mecanicistas, fundadas no fazer coisas. As comunidades eclesiais missionárias tem **características proféticas**; são lugares de reconciliação, de perdão e resiliência.

4.1.3 Casa: Lugar das Famílias



138-140. A família merece atenção renovada. Ela é o **ponto de chegada** para nossa ação pastoral e **ponto de partida** para a vida comunitária mais ampla. As famílias constituem-se como **sujeito fundamental da ação missionária da Igreja**, como Igreja doméstica, **lugar de Iniciação à Vida Cristã**.

A comunidade eclesial missionária acontece de fato nos **lares e grupos de família** que se tornam núcleos comunitários, onde a Igreja se reúne para meditar a Palavra, rezar, partilhar o pão e a vida.

4.1.4 Casa: Lugar de Portas sempre Abertas



141-143. **Portas abertas para acolher e portas abertas para sair em missão** ao encontro do outro, onde quer que esteja. Toda comunidade terá que ser porta de misericórdia para quem precisa. Cada comunidade deverá encontrar o caminho que o Senhor está indicando.

4.2 Os Pilares da Comunidade

144. A comunidade eclesial missionária é sustentada por quatro **pilares fundamentais**: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária.

BÍBLIA SAGRADA



Tradução oficial da CNBB

4.2.1 Pilar da Palavra: Iniciação à Vida Cristã e Animação Bíblica da Vida e da Pastoral

145. A IVC consiste na **adesão a Jesus Cristo**, fundamentada no *Querigma* (primeiro e principal anúncio) e segue no aprofundamento do *Catecumenato*, na **Purificação e Iluminação com a celebração dos Sacramentos** e na continuidade da *Mistagogia*.

146-149. A Sagrada Escritura **deve sempre estar presente**, pois “*A Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela*”. A comunidade eclesial sempre encontrou nela sua força, **cresce na sua escuta, na celebração e no estudo** (VD 3). Meio privilegiado de contato com o Deus da Palavra é a **Leitura Orante**, sobretudo, no **processo da IVC**. Ela é alimento que entra pela mente, toca o coração, nutre o espírito, **transforma a vida comunitária, missionária e ecumênica**.

Encaminhamentos Práticos

150. **Assumir o caminho de IVC**, de inspiração catecumenal, com a necessária reformulação da estrutura paroquial, catequética e litúrgica;

151. **Revisar o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias** em vista da transformação de pessoas, famílias, ambientes, instituições e estruturas sociais;

152. Disponibilizar a **IVC sempre que necessária**;

153. O anúncio de Jesus Cristo **não pode ser teórico**; exige experiências concretas de encontro com Ele e de relacionamento fraterno;

154-155. Incentivar **experiências ecumênicas** e tornar a Sagrada Escritura como **alma da missão**;

156 (157). Priorizar **pequenas comunidade eclesiais ao redor da Bíblia**, como fruto da ação missionária e **difundi-las em todos os ambientes**;

157-159. Assumir o **método da Leitura Orante da Palavra**; criar **centros de estudo** sobre a Palavra e utilizar o potencial das **redes sociais**.



4.2.2 Pilar do Pão: Liturgia e Espiritualidade



160-161. A **Palavra e a Eucaristia** são elementos essenciais e insubstituíveis na vida cristã. A liturgia é o coração da comunidade. Dela parte o compromisso fraterno e missionário. O **domingo** precisa ser celebrado como o **Dia do Senhor**, seja pela Eucaristia ou pela celebração da Palavra de Deus, quando a família cristã se **encontra com o Senhor e os irmãos**. Torna-se também o dia da alegria, do repouso, da solidariedade e alteridade.

162-163. Estas celebrações não sejam marcadas por subjetivismos emotivos e nem pela frieza da rigidez rubricista e ritualista. Evitem-se retrocessos litúrgicos e fugas intimistas, mas **sejam verdadeiras celebrações comunitárias**, que conduzam ao mistério divino e ao compromisso histórico.



Encaminhamentos Práticos

164-165. **Resgatar o domingo** como Dia do Senhor, com celebração da Eucaristia ou da Palavra de Deus, com diáconos ou ministros devidamente preparados para tal;

166. Incentivar a **piedade popular** como caminho de aprofundamento da fé; seja iluminada com a Palavra de Deus e as orientações da Igreja;

167. Valorizar o canto litúrgico e o espaço sagrado;

168. Respeite-se o **Ano Litúrgico** e evite-se celebrações de interesse individual;

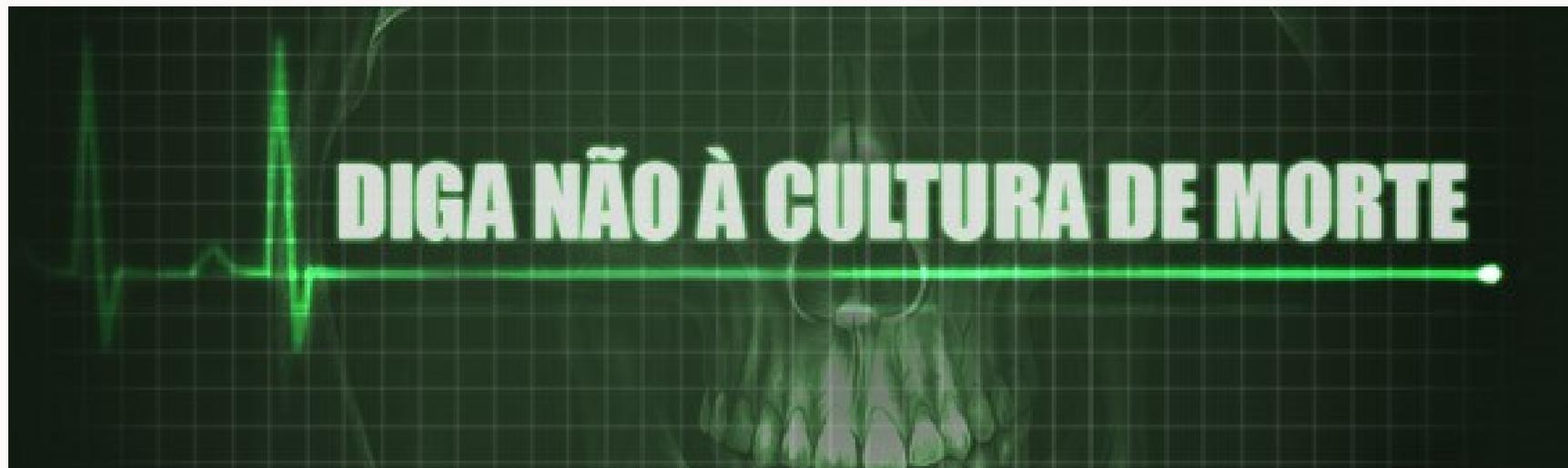
169. As **homílias sejam qualificadas** e liguem a liturgia à existência e à vida comunitária e social;

170. As **missas nos meios de comunicação** estejam em conformidade com as normas litúrgicas e as orientações da CNBB.

4.2.3 *Pilar da Caridade: a Serviço da Vida*



171-173. Nossas comunidades precisam ser **defensoras da vida** desde a fecundação até o seu fim natural. A vida humana precisa ser objeto da nossa atenção e do nosso cuidado, tanto em âmbito pessoal, quanto comunitário e social. Todas as pessoas feridas pelas marcas da **cultura de morte** estejam no âmbito do nosso olhar pastoral. Na defesa da vida os **cristãos trabalhem juntos** em projetos comuns.



Encaminhamentos Práticos

174. Promover **solidariedade junto aos sofredores**, com experiências de inclusão;

175. Priorizar ações com as **famílias** e com os **jovens** em todas as comunidades;

176. Estar atentos às **novas formas de sofrimento e exclusão**;

177. A Palavra de Deus faz enxergar em cada irmão sofredor o **Cristo que sofre**;

178. Desenvolver **grupos de apoio aos violentados**: aos dependentes químicos, aos que perderam entes queridos, aos desesperados, aos que estão por nascer, aos que atentam contra a própria vida;

179. **Encorajar o laicato** no empenho apostólico, inspirado na DSI, pela transformação das realidades temporais. Apoiar os conselhos do laicato;

180-181. Apoiar o **resgate público da cidade e cuidar da Casa Comum**, da Pastoral da Ecologia: novo modo de viver no mundo;

182. Incentivar as pastorais de **mobilidade humana** num mundo que está em movimento;

183. **Promover a paz**, superando a violência em todas as suas formas, apoiando a justiça restaurativa;

184. Ser a voz dos que clamam por vida digna. A comunidade como **Casa da Caridade a serviço da vida**: terra, trabalho, teto, com iniciativas de diálogo ecumênico.

4.2.4 *Pilar da Ação Missionária: Estado Permanente de Missão*



186-187. Consolidar a mentalidade missionária: A **missão é o paradigma** de toda a ação eclesial. É **tarefa diária** do cristão levar o Evangelho às pessoas que encontra, tanto os íntimos como os desconhecidos. Inicia com **diálogo**, segue com a **Palavra** e, por fim, a **oração** relacionada com as preocupações da pessoa.

188. A **comunidade missionária segue os passos de Jesus** e busca nele o modelo de vida. Uma palavra que seja vida pode ser a mais eloquente ação missionária.

Encaminhamentos Práticos

A alegria do Evangelho para uma Igreja em saída



189-190. Investir em comunidades que se autocompreendam como em **estado permanente de missão**, respondendo às novas demandas da população na realidade urbana;

191. Desenvolver projetos de **visitas missionárias** em áreas e ambientes mais distanciados da vida da Igreja, com formação de novas comunidades, alicerçadas na Palavra e na caridade;

192. Favorecer a **missão e a comunhão entre as Igrejas**, com troca de experiências;

193. Dinamizar a **missão ad gentes** e as Igrejas-Irmãs, com gestos concretos: oração, ajudas, envios missionários;

194. Atenção especial aos **jovens**: missões juvenis, projetos vocacionais, novas formas como redes sociais;

195. Investir nos **Meios de Comunicação Social**, como oportunidade de diálogo, encontro e intercâmbio. Falar sobre Jesus Cristo, a partir da vida de pessoas e das comunidades cristãs;

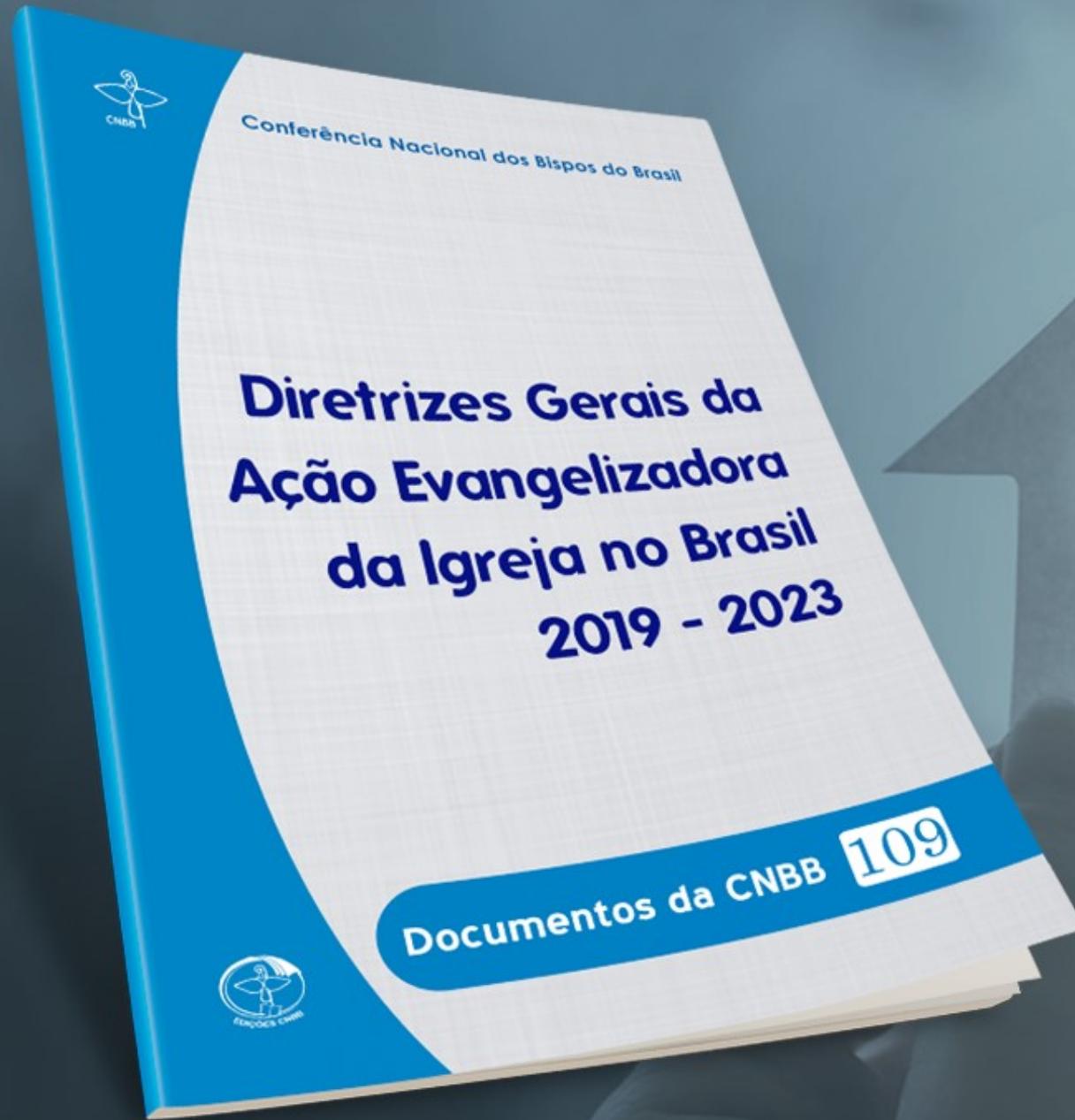
196. Valorizar **novos espaços missionários**: hospitais, escolas, universidades, presídios, espaços de cultura e ciência;

197. **Priorizar a pessoa** na ação missionária: a cultura do encontro deve ser o pano de fundo;

198-201. Implantar e aperfeiçoar os **Conselhos Missionários**, promover as **Pontifícias Obras Missionárias** e **Programa Missionário Nacional** (Amazônia);

202. Valorizar a dimensão mariana: **Maria foi a primeira missionária.**

CONCLUSÃO



203. **Objetivo das DGAE:** ajudar a Igreja no Brasil a responder aos desafios evangelizadores num mundo e num país cada vez mais urbanos. As Diretrizes destacam de modo especial a importância das **comunidades eclesiais missionárias**, com imagem da **Casa**, sustentada por **pilares**.

204. Somos Povo de Deus **a caminho** do Reino: **processo** enraizado na mística e espiritualidade cristã.

205. **Pilares:** Palavra, Pão, Caridade, Ação Missionária. **Não se trata de inventar um programa novo**; ele já existe, mas é preciso traduzi-lo em **orientações pastorais ajustadas** às condições de cada comunidade.



206. As **DGAE** são **expressão da unidade** da Igreja no Brasil, mas devem ser transformadas em **projetos pastorais** que respondam às **realidades regionalmente diversificadas**.

207. As Diretrizes precisarão **inspirar** a formação, o planejamento e as práticas de **todas as instâncias eclesiais**.

208-209. As Diretrizes Gerais, elaboradas com participação dos diversos seguimentos da Igreja no Brasil, exigirão a realização de assembleias, reuniões, com diálogo e troca de experiências para que cada Igreja particular elabore seu **Plano de Pastoral**, assim como suas paróquias e comunidades.

210. Sob a proteção da **Mãe e Rainha de Aparecida**, as DGAE sirvam como instrumento para manifestar a **alegria do Evangelho** a todos os corações, especialmente os sofridos e desesperançados: *“Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia aquele que a guarda”* (Sl 127, 1b).



+ *Aloisio Dilli*
Dom Aloísio Alberto Dilli
Bispo de Santa Cruz do Sul